

# GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 63

## PORTUGUÊS 10.º ANO

### Tema 13: Camões épico

### Subtema 2: O discurso reflexivo em *Os Lusíadas*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A  
APRENDIZAGEM?



## PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Será que Camões foi uma voz comprometida e incômoda? Na sua obra encontra a expressão crítica, o lamento e a interpelação aos seus contemporâneos?

Escuta e lê parte da reflexão final do poeta no Canto X e descobre respostas.



## O QUE VOU APRENDER?

### NO DOMÍNIO ORALIDADE:

- Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.
- Utilizar de modo apropriado processos como retoma, resumo e explicitação no uso da palavra em contextos formais.

### NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista.
- Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas.

### NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI: Luís de Camões, *Os Lusíadas* (reflexões do poeta).
- Relacionar características formais do texto poético com a construção de sentido.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: alegoria, interrogação retórica, metonímia, aliteração, apóstrofe, anástrofe.
- Comparar textos em função de temas, ideias e valores.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos.
- Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelas obras e seus autores.

### NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever sínteses, exposições sobre um tema e apreciações críticas, respeitando as marcas de género.
- Redigir o texto com domínio seguro da organização em parágrafos e dos mecanismos de coerência e de coesão textual.



## COMO VOU APRENDER?

GTA 60: Porque se interrompe a narração no final do Canto I?

GTA 61: Para Camões, vale mais a espada ou a pena?

GTA 62: Mudam-se os tempos... E as vontades?

**GTA 63: A voz do poeta: indignação, lamento ou apelo?**

GTA 64: Como termina a epopeia de Camões?

## Tema 13: Camões épico

Subtema 2: O discurso reflexivo e crítico em *Os Lusíadas*

## GTA 63: A voz do poeta: indignação, lamento ou apelo?

**Objetivos:**

- Relacionar textos de épocas e contextos diferentes a nível de tom, intenção e posicionamento do autor perante o mundo.
- Identificar a posição enunciativa do poeta nas estrofes lidas, reconhecendo a voz comprometida e reflexiva do autor-narrador.
- Inferir sentidos implícitos no discurso argumentativo poético de Camões.
- Identificar recursos expressivos relevantes, relacionando-os com o sentido, o tom e a intencionalidade.
- Escrever para expressar comentário crítico e fundamentado sobre o texto lido.
- Colaborar na construção de uma interpretação partilhada, negociando leituras e dividindo tarefas.

**Modalidade de trabalho:** individual e em pequenos grupos.

**Recursos e materiais:** caderno e *internet*.



No final deste guião, encontras um anexo onde podes consultar quadros-síntese sobre os cantos VI a X d’*Os Lusíadas* (os dos Cantos I a V foram fornecidos em guiões anteriores), de modo a ficares com uma ideia global da narrativa e enquadrases as reflexões finais do poeta.

**ETAPA 1 – Pré-leitura | Vozes comprometidas que incomodam**

Quatro séculos, quatro vozes, um mesmo gesto. Escritores portugueses que escolheram incomodar o poder em vez de o servir: Padre António Vieira no século XVII, Eça de Queirós no século XIX, Jorge de Sena sob a ditadura e Sophia de Mello Breyner Andresen no rescaldo do 25 de Abril — todos arriscaram algo ao escrever o que escreveram.

Em par ou pequeno grupo, **leiam** os quatro excertos da página seguinte.

**Comparem** os excertos em relação a:

- tom,
- intenção,
- recursos usados.



### EXCERTO A (1654)

«A primeira cousa que me desedifica, peixes<sup>1</sup>, de vós, é que vos comeis uns aos outros, grande escândalo é este. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. (...) Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer.»

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António aos peixes». In *Sermões de Padre António Vieira*, ed. Crítica de Margarida V. Mendes. 1987, Editorial Comunicação.

<sup>1</sup> O orador, neste sermão (1654) usa a alegoria dos peixes para se dirigir e interpelar o público que tem à frente (a população de colonos que assistia à missa na cidade de S. Luís do Maranhão, no Brasil).

### EXCERTO B (1871)

«O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada, os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência.»

Eça de Queirós (1871), *As Farpas*. Apresentação de Maria Filomena Mónica (2018). Relógio d'Água.

### EXCERTO C (1959)

«Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso. É possível, porque tudo é possível, que ele seja aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo, onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém de nada haver que não seja simples e natural. (...) Um dia sabereis que mais que a humanidade não tem conta o número dos que pensaram assim, amaram o seu semelhante no que ele tinha de único, de insólito, de livre, de diferente, e foram sacrificados, torturados, espancados, e entregues hipocritamente à secular justiça, para que os liquidasse “com suma piedade e sem efusão de sangue”.»<sup>1</sup>

Jorge de Sena (1959), «Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya» (excerto)

<sup>1</sup> Escrito na véspera do autor partir para o exílio da pátria, imposto pela ditadura do Estado Novo.



Francisco Goya (1814), *O três de maio*. Museu do Prado, Madrid. Pintura inspiradora do poema de Jorge de Sena.



Podes escutar o poema na totalidade no programa da Antena 2, dos 0min55s aos 5min20s.

[O som que os versos fazem \(30.10.2029\). Antena 2, RTP.](#)



### EXCERTO D (1975)

«Portugal inteiro acolheu o 25 de Abril com uma alegria que não esqueceremos. A revolução que então vimos pareceu-nos a revolução exemplar. Mas, desgraçadamente, dia após dia a revolução tem estado a ser desvirtuada pelo abuso e pela avidez de poder das falsas vanguardas ideológicas. (...)»

Sophia de M. B. Andresen, excertos do discurso proferido a 1 de agosto de 1975 como deputada da assembleia constituinte.



**Reflictam e debatam** sobre a possibilidade de Camões ser também uma dessas vozes comprometidas que incomodam e **antecipem** o que poderá vir a dizer na sua reflexão final no Canto X, sabendo que a inicia com os versos:

«Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.»

**Visualiza** o vídeo dos **3min03s** aos **7min56s** e **escuta** as estrofes da reflexão/lamentação final do poeta ditas pelo ator António Fonseca.



**Troca** impressões com os colegas sobre:

- tema/assunto desenvolvido nas estrofes;
- tom ou intenção do poeta.

[Vídeoaula n.º 50, 10.º ano, Português: «Reflexão do poeta: considerações finais do Canto X d'Os Lusíadas» #EEC.](#)



## ETAPA 2 –Leitura | Estrofes 145 e 146 do Canto X

**Faz uma leitura silenciosa** das estrofes 145 e 146 que iniciam a reflexão final do poeta, recuperando mentalmente a ordem sintática natural sempre que surgem anástrofes ou hipérbatos.

**Consulta** as notas e as informações junto ao texto e **reflete** a partir das questões colocadas do lado direito.

<p>145</p> <p>Apóstrofe à musa Calíope.</p> <p>Nô mais, <b>Musa</b> nô mais, que a Lira<sup>1</sup> tenho Destemperada<sup>2</sup> e a voz enrouquecida, E não do canto, mas de ver que venho Cantar a gente <u>surda e endurecida</u>. O favor<sup>3</sup> com que mais se acende o engenho<sup>4</sup> <u>Não</u> no dá a pátria, <u>não</u>, que está metida No gosto da cobiça e na rudeza Dũa <u>austera, apagada e vil</u> tristeza.</p>	<p>Repetição anafórica para enfatizar um lamento.</p> <p>Em que consiste o lamento que o poeta dirige à musa inspiradora?</p>
<p>146</p> <p>E não sei por que influxo de Destino Não tem um <u>ledo</u><sup>5</sup> orgulho e geral gosto, Que os ânimos levanta de contínuo <u>A ter pera trabalhos</u><sup>6</sup> <u>ledo o resto</u>. Por isso vós, <b>ó Rei</b> que por divino Conselho estais no régio sólio<sup>7</sup> posto, Olhai que sois (e vede as outras gentes) Senhor só de vassallos<sup>8</sup> excelentes.</p>	<p>Dupla e tripla adjetivação a reforçar a descrição do estado da pátria.</p> <p>Que imagem nos dá o poeta do estado do país?</p> <p>Apóstrofe ao rei D. Sebastião, a quem Camões dedicou a sua obra.</p> <p>Para que situação chama a atenção do Rei? Haver alguma contradição com o que disse anteriormente?</p>

Frederico Lourenço (2024). *Camões. Uma antologia. Textos escolhidos e anotados*. Quetzal (p. 203).

NOTAS: 1 instrumento musical de cordas que é simboliza a poesia. 2 desafinada. 3 reconhecimento. 4 talento, capacidade criativa. 5 alegre. 6 dificuldades. 7 trono real. 8 súbditos.



Com base nas estrofes 145 e 146, **constrói** um perfil psicológico do poeta, ou seja, **escreve** uma caracterização do estado de espírito e emocional do poeta revelado nestas estrofes.

**Partilha** o teu retrato com o de outros colegas e avalia a validade e fundamentação das características apresentadas.

### ETAPA 3 – Continuação da leitura | Estrofes 147 a 153 do Canto X

Em pequeno grupo, **leiam** as estrofes 147 a 153, consultando as notas.

Estas estrofes correspondem a uma longa interpelação do poeta ao Rei D. Sebastião, que governava o reino na altura em que Camões regressa a Portugal com a sua obra *Os Lusíadas* terminada e a quem Camões dedicou e leu o seu poema.

**Identifiquem** a ideia central em volta da qual o poeta argumenta, ou seja, o que ele defende perante o Rei.

147

Olhai que ledos vão, por várias vias,  
Quais rompentes leões e bravos touros,  
Dando os corpos a fomes e vigias,  
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,  
A quentes regiões, a plagas<sup>1</sup> frias,  
A golpes de Idolatras<sup>2</sup> e de Mouros,  
A perigos incógnitos do mundo,  
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

148

Por vos servir, a tudo aparelhados<sup>3</sup>;  
De vós tão longe, sempre obedientes;  
A quaisquer vossos ásperos mandados,  
Sem dar reposta, prontos e contentes.  
Só com saber que são de vós olhados,  
Demónios infernais, negros e ardentes,  
Cometerão<sup>4</sup> convosco, e não duvido  
Que vencedor vos façam, não vencido.

149

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
Com a presença e leda humanidade;  
De rigorosas leis desalivai-os<sup>5</sup>,  
Que assi se abre o caminho à santidade.  
Os mais experimentados levantai-os,  
Se, com a experiência, têm bondade  
Pera vosso conselho, pois que sabem  
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

150

Todos favorecei em seus ofícios,  
Segundo têm das vidas o talento;  
Tenham Religiosos exercícios  
De rogarem, por vosso regimento,  
Com jejuns, disciplina, pelos vícios  
Comuns; toda ambição terão por vento<sup>6</sup>,  
Que o bom Religioso verdadeiro  
Glória vã não pretende nem dinheiro.

NOTAS: 1 regiões, paragens. 2 que veneram falsas divindades. 3 preparados, prontos.  
4 enfrentarão. 5 desobrigai-os, libertai-os. 6 coisa vã, sem valor.

(Continua ➡)



151

Os Cavaleiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrépido<sup>7</sup> e fervente  
Estendem não somente a Lei de cima<sup>8</sup>,  
Mas inda vosso Império preminente.  
Pois aqueles que a tão remoto clima  
Vos vão servir, com passo diligente,  
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,  
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152

Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
Alemães, Galos<sup>9</sup>, Ítalos e Ingleses,  
Possam dizer que são pera mandados,  
Mais que pera mandar, os Portugueses.  
Tomai conselho só d' experimentados,  
Que viram largos anos, largos meses,  
Que, posto que em cientes muito cabe<sup>10</sup>,  
Mais em particular o experto sabe<sup>11</sup>.

153

De Formião<sup>12</sup>, filósofo elegante,  
Vereis como Anibal<sup>12</sup> escarnecia,  
Quando das artes bélicas, diante  
Dele, com larga voz tratava e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.

Frederico Lourenço (2024). *Camões. Uma antologia. Textos escolhidos e anotados*. Quetzal (pp. 203-206).

NOTAS: <sup>7</sup> corajoso. <sup>8</sup> a fé cristã, a lei de Deus. <sup>9</sup> franceses. <sup>10</sup> em quem estuda há muito conhecimento. <sup>11</sup> quem tem experiência de vida sabe ainda mais. <sup>12</sup> Formião era um filósofo que dissertou longamente sobre arte militar na presença de Aníbal — o grande general cartaginês que derrotou Roma. Aníbal reagiu com escárnio, pois um homem sem experiência de combate não deveria falar de estratégia militar. O poeta apela à valorização do saber feito da própria experiência e dos homens experientes.

Em grupo, **escrevam** um texto em que expliquem a tese ou ideia defendida pelo poeta na sua interpelação ao Rei e o modo como argumenta para defender essa ideia. **Sigam** estes passos:

- 1. Dividam** as estrofes entre os elementos do grupo e **identifiquem** recursos expressivos e estratégias de argumentação relevantes.
- 2. Elaborem** o texto em grupo:
  - a) apresentem**, num breve parágrafo introdutório, a tese ou a ideia principal defendida pelo poeta na interpelação ao Rei;
  - b) explicitem**, num segundo parágrafo, a forma como o poeta constrói a sua argumentação (recursos expressivos, estratégias discursivas identificadas), citando ou fazendo referência direta a pelo menos três estrofes diferentes;
  - c) encerrem** o texto com uma frase de avaliação ou impressão global do grupo sobre a força e/ou o talento do poeta nesta interpelação ao Rei.
- 3. Façam** a revisão do texto.

Havendo oportunidade, **leiam** o texto à turma e **escutem** os textos dos outros grupos, comentando os aspetos que vos pareçam relevantes.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### ETAPA 1 – Pré-leitura | Vozes comprometidas que incomodam

#### Pistas para a comparação dos excertos:

- Os quatro excertos partilham um tom de interpelação direta e comprometida, com intenção de crítica ou denúncia da realidade e do poder.
- Vieira tem um tom simultaneamente indignado, mas irónico: usa a alegoria dos peixes, mas toda a gente sabe que não fala a peixes, mas sim aos colonos que os escutam.
- Eça tem o tom mais frio e cortante, como quem faz um diagnóstico implacável, descreve e enumera as características da situação que denuncia.
- Jorge de Sena usa um tom íntimo de dor contida - fala aos filhos, não ao poder - e é o único dos quatro que não interpela diretamente o alvo da crítica - a ternura coexiste com a denúncia de algo esmagador, usando a enumeração e a adjetivação para criar esse efeito.
- Sophia tem o tom mais urgente e frontal: é um discurso político, sem alegoria nem distância. A acusação é direta, sem máscaras, assente num contraste entre a alegria da revolução e a tristeza da traição aos ideais dessa revolução.

### ETAPA 2 –Leitura | Estrofes 145 e 146 do Canto X

#### Exemplo de resposta:

Perfil psicológico do poeta nas estrofes 145 e 146:

É um homem cansado e desiludido, não por falta de talento e capacidade para concretizar a sua missão (autoestima não lhe falta), mas sim porque sente que a sua pátria é rude, não ouve, não aprecia, nem reconhece. Há nele uma dor que não é de humildade ferida, mas de grandeza ignorada: não se sente pequeno, sente-se desperdiçado. Porém, apesar de estar sem esperança, sobra-lhe a coragem de apontar o dedo aos seus contemporâneos, ainda exige e interpela o poder (o Rei) e fala com autoridade sobre o que está errado e o que deve ser feito.

### ETAPA 3 –Leitura | Estrofes 147 e 153 do Canto X

#### Exemplo de resposta:

Nas estrofes 147 a 153, Camões defende que o Rei tem uma dívida de reconhecimento para com os que o servem — soldados, cavaleiros, religiosos — e que, para governar bem, deve aconselhar-se com quem tem experiência de vida real e longa.

O poeta apresenta argumentos que é difícil recusar, porque a própria forma do texto dá força a esses argumentos. Por exemplo, a acumulação de perigos na estrofe 147 — «a ferro, a fogo, a setas e pelouros», «a naufrágios, a pexes, ao profundo» — não é uma mera descrição do sacrifício dos soldados, obriga o leitor a quase sentir o sacrifício dessa gente. De igual modo, metáforas como a de acometer «demónios infernais» (estrofe 148) só para servir o rei, engrandecem a ação e a lealdade daqueles para quem o poeta pede reconhecimento. Ao mesmo tempo, a apóstrofe e os verbos no imperativo («fazei») mantêm o rei permanentemente interpelado, não como destinatário de um elogio, mas como alguém a quem se exige uma resposta e uma ação. Na estrofe 152, a ameaça à honra nacional pela possibilidade de os portugueses serem vistos como «pera mandados, mais que pera mandar» — é um argumento de pressão que o rei não pode ignorar. Por fim, na estrofe 153, o exemplo histórico de Aníbal e Formião fecha o raciocínio, legitimando a experiência vivida acima de qualquer conhecimento teórico.

O poeta é uma voz comprometida que interpela o Rei com poder argumentativo. Comove quem o ouve pela enumeração dos esforços, responsabiliza o Rei pela insistente apóstrofe e legitima o que defende com um exemplo histórico.



## O QUE APRENDI?

**Consegues reconhecer** na voz do poeta indignação, lamento ou apelo?

**És capaz de:**

- relacionar textos de épocas e contextos diferentes a nível de tom, intenção e posicionamento do autor perante o mundo?
- identificar a posição enunciativa do poeta nas estrofes lidas, reconhecendo a voz comprometida e reflexiva do autor-narrador?
- inferir sentidos implícitos no discurso argumentativo poético de Camões?
- identificar recursos expressivos relevantes, relacionando-os com o sentido, o tom e a intencionalidade?
- escrever para expressar comentário crítico e fundamentado sobre o texto lido?
- colaborar na construção de uma interpretação partilhada, negociando leituras e dividindo tarefas?

Ainda **tens** dúvidas?

**Sugestão:**

**Visualiza** a videoaula dos **8min** aos **20min16s** e **acompanha** as explicações da professora sobre as estrofes 145 a 153 do Canto X. **Tira notas** dos aspetos essenciais ou que te levantem mais dificuldade.



[Videoaula n.º 50, 10.º ano, Português: «Reflexão do poeta: considerações finais do Canto X d'Os Lusíadas» #EEC.](#)



## COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

**Visualiza** os primeiros 6 minutos do vídeo do programa da RTP *Grandes livros*, um episódio dedicado a *Os Lusíadas*, que te ajudará a integrar melhor as aprendizagens que tens vindo a realizar.



[«Os Lusíadas de Luís de Camões».](#)  
[In \*Grandes livros\*. RTP-Ensina.](#)



## ANEXO

### Estrutura interna d'Os Lusíadas – Cantos VI e VII

#### CANTO VI

- **Estrofes 1 a 5:** De Melinde, os portugueses retomam a viagem guiados por um piloto melindano.
- **Estrofes 6 a 37:** Baco, movido de inveja, desce ao palácio de Neptuno para reunir apoio contra os portugueses. Descrição do palácio de Neptuno seguida da narração da reunião dos deuses marítimos com a intervenção de Baco. Os deuses mandam Éolo, deus do vento, soltar os ventos contra os portugueses.
- **Estrofes 37 a 69:** A armada de Vasco da Gama navega com tranquilidade no Índico e os marinheiros contam histórias para afastar o sono. Veloso narra o episódio dos doze de Inglaterra.
- **Estrofes 70 a 94:** Enorme tempestade (provocada por Éolo) cai sobre as naus dos portugueses. O Gama reza a Deus. Vénus intervém em socorro dos portuguesas (as ninfas seduzem os ventos indomáveis), abrandando assim a tempestade. Amanhece, avistam Calecute – o objetivo da viagem – e o Gama agradece a Deus.
- **Estrofes 95 a 94:** Nova reflexão do poeta sobre a fama e o que é preciso superar para alcançá-la.

#### Planos:

Plano da viagem

Plano mitológico

Plano da viagem

Plano da viagem em alternância com plano mitológico

Plano do poeta

#### CANTO VII

- **Estrofes 1 a 14:** Reflexão do poeta sobre as divisões entre os cristãos, elogiando os portugueses pela expansão da fé cristã.
- **Estrofes 15 a 41:** Narração da entrada da armada no porto de Calecute, seguida de descrição da Índia. Um mensageiro é enviado ao Rei de Calecute, mas estando este ausente, regressa com um mouro oriundo do norte de África que domina a língua de Castela e lhes dá informações.
- **Estrofes 23 a 78:** O Samorim recebe o Gama com grande luxo e este apresenta a proposta de aliança do rei português sobre a qual o Samorim dará resposta. O Catual, a mando do seu rei, procura saber mais sobre os portugueses, visita as naus e pergunta pelo significado das figuras nas bandeiras a Paulo da Gama.
- **Estrofes 78 a 87:** De súbito, o poeta interrompe a narração com uma invocação às musas e uma reflexão pessoal sobre as dificuldades do seu trabalho poético e a ingratidão dos seus contemporâneos.

Plano do poeta

Plano da viagem

Plano da viagem

Plano do poeta



## Estrutura interna d'Os Lusíadas – Cantos VIII e IX

### CANTO VIII

- **Estrofes 1 a 46:** Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, explica ao Catual o significado das figuras dos ilustres lusitanos nas bandeiras (Luso, Ulisses – mítico fundador de Lisboa -, Viriato, Sertório, D. Henrique, conde de Portugal, D. Afonso I e o episódio de Egas Moniz, os grandes homens da luta contra os mouros, Nun'Alvares Pereira e os que se destacaram contra Castela, os portugueses que expandiram o reino para África). Finda a explicação, o Catual retira-se. Entretanto, os adivinhos do Rei de Calecute profetizam desgraças e o futuro domínio dos portugueses no oriente.
- **Estrofes 46 a 95:** Baco aparece em sonhos a um muçulmano devoto, sob a forma do profeta muçulmano, e incita-o contra os portugueses. Este convoca um concelho de muçulmanos que organiza a destruição dos portugueses, subornando os conselheiros do Rei Samorim e perturbando as negociações deste com Vasco da Gama. Para salvar a armada, Vasco da Gama vai ser obrigado a subornar o Catual com ouro.
- **Estrofes 96 a 99:** Reflexão do poeta sobre o poder corruptor do ouro.

#### Planos:

Plano da História de Portugal (Paulo da Gama como narrador) encaixado no plano da viagem

Plano da viagem e plano mitológico em paralelo

Plano do poeta

### CANTO IX

- **Estrofes 1 a 17:** Depois de várias peripécias que ameaçaram a armada portuguesa em Calecute, Vasco da Gama e os marinheiros conseguem partir com alegria e esperança de regressar a casa.
- **Estrofes 15 a 50:** Vénus decide preparar a ilha dos amores como recompensa para os portugueses naquela viagem e pede auxílio ao seu filho que atinge as ninfas com as suas setas do amor, ficando estas apaixonadas pelos portugueses.
- **Estrofes 50 a 87:** A armada dos portugueses chega à Ilha dos Amores. Descrição da ilha, desembarque dos portugueses e encontro com as ninfas para recompensa de prazeres. Tétis leva Vasco da Gama para o seu palácio, passando o dia em jogos amorosos.
- **Estrofes 88 a 95:** O poeta explica a alegoria da ilha, refletindo sobre a heroicidade e a imortalidade, e deixa uma exortação para que se mereçam as recompensas da fama e da imortalidade realizando grandes feitos.

Plano da viagem

Plano mitológico

Fusão do plano da viagem com o plano mitológico

Plano do poeta



## Estrutura interna d'*Os Lusíadas* – Canto X

### CANTO X

- **Estrofes 1 a 74:** Banquete de Tétis em honra do Gama e dos seus companheiros e uma ninfa vaticina os grandes feitos dos portugueses e as glórias futuras que terão no oriente (prolepse).
- **Estrofes 75 a 144:** Tétis leva Vasco da Gama até um monte onde lhe faz a longa descrição da máquina do mundo e lhe refere futuros feitos dos portugueses. Tétis despede-se e prepara os portugueses para embarcarem de regresso a casa. A armada parte com bom vento e chegam ao seu destino sem problemas e em glória.
- **Estrofes 145 a 156:** Lamentações do poeta.

#### Planos:

Fusão do plano da viagem com o plano mitológico e o plano da História de Portugal (prolepse)

Plano do poeta